

Fernando Estevens

O ensaio Tipo-Gráfico que apresentamos é uma síntese visual para a apresentação da Instalação de Arte com o nome: Generosas são as árvores que dão as folhas para os poetas escreverem”.

A proposta para a referida Instalação cruza a «poesia literária»¹ de Fialho de Almeida, a filosofia de Nietzsche, e as idiossincrasias do autor.

«Generosas são as árvores que dão as folhas para os poetas escreverem» remete para uma ideia de devir, ou seja: de transmutação, vista pela perspectiva poética do Inverno, onde as árvores – desnudadas – se mostram, despertando as ideias com que os poetas criam palavras e estruturam pensamentos. Aqui, o Inverno apresenta-se como uma morte metafórica. Uma passagem para outra continuidade, e não o fim de um ciclo.

Procurámos estruturar a ideia a partir do frágil equilíbrio da dicotomia Dionisíaco-Apolíneo.

Apolo e Dionísio eram ambos filhos de Zeus. Apolo era o deus da razão e do raciocínio lógico, enquanto que Dionísio era o deus da loucura e do caos, guiado pelas emoções e instintos.

Nietzsche parte da mitologia grega, mediante o aprofundamento estético e metafísico dos conceitos «dionisíaco» e «apolíneo», para delinear uma doutrina da emergência e decadência da tragédia grega². Para Nietzsche, o conteúdo de todas as grandes tragédias é baseado na tensão criada pela interação dessas duas dimensões. Uma justifica a existência da outra, admitindo que grandes questões existenciais, conceptuais e ideológicas emergem a partir dos limites que definem a transmutação de todos os fenómenos. O devir é proposto como imagem fundamental da criação e

¹ O termo «poesia literária» é uma proposta nossa e remete para a forma de escrita de Fialho de Almeida, onde se reconhecem semelhanças com o ditrambo usado por Nietzsche em Assim falava Zaratustra.

² La Nascita della Filosofia, Adelphi Edizioni, S.P.A., 1975.

da ruptura do pré-estabelecido, projectando o homem no vazio e obrigando-o a compreender a existência como experiência.

Foi no território da compreensão desse «vazio» que os pressupostos conceptuais da Instalação se estabeleceram, propondo a construção de pontes – estéticas ou filosóficas – entre a narrativa de Fialho de Almeida, na barbárie do «Conto de Natal», e a visão da origem da tragédia, proposta por Nietzsche.

O «Conto de Natal» é a narrativa de uma tragédia em que Fialho de Almeida nos convida a uma viagem até aos limites da humanidade, guiados por uma velha e esfarrapada mendiga que, na tentativa de encontrar abrigo para passar a fria noite de Natal, acaba por testemunhar um crime, cuja crueldade estará muito para além da crueldade da sua própria vida. A barbárie narrada por Fialho de Almeida neste conto permite-nos ultrapassar as barreiras semânticas e entender, no «ditirambo» de Fialho de Almeida, a ideia de transmutação do bebé assassinado num dos anjos que acompanha o «Menino Deus», no cortejo da noite de Natal.

Já era nossa intenção procurar na literatura de Fialho de Almeida uma narrativa que expressasse a profundidade interior a que o Alentejo convida, em particular num Inverno onde se conjugaram o confinamento pandémico e o acentuado rigor climático.

Depois do «Conto de Natal», a intuição levou-nos a uma possível relação com Nietzsche, que optámos por explorar. Contudo, identificamos o momento da criação no genuíno instante em que, no meio da caótica operação de podar a buganvília, se respeitou a liberdade de olhar para um ramo, que generosamente dado – só pela sua forma – tanto significado produziu. A composição Tipo-Gráfica apresentada neste ensaio traduz o confronto desse impulso com a luz da razão, da metodologia e do raciocínio lógico.